



Sociedade e Cultura

ISSN: 1415-8566

brmpechincha@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Comin De Carvalho, Ana Paula

O memorial dos lanceiros negros: disputas simbólicas, configurações de identidades e relações  
interétnicas no Sul do Brasil

Sociedade e Cultura, vol. 8, núm. 2, julho-dezembro, 2005, pp. 143-152

Universidade Federal de Goiás

Goiania, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70380211>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# O memorial dos lanceiros negros: disputas simbólicas, configurações de identidades e relações interétnicas no Sul do Brasil

ANA PAULA COMIN DE CARVALHO\*

---

Resumo: Tomando como universo empírico um evento em prol da construção de um memorial em homenagem aos lanceiros negros no município de Pinheiro Machado (RS), atento para as disputas simbólicas que se travam em torno dessas figuras. Procuo demonstrar que as diferentes apropriações de uma experiência histórica comum – o Massacre de Porongos – têm conexões com a configuração de identidades étnicas e regionais e com as relações entre os diversos grupos sociais que compõem o estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: lanceiros negros; identidade étnica; identidade regional.

---

O objetivo do presente artigo é, com base na análise de um evento em prol da construção de um memorial em homenagem aos lanceiros negros no município de Pinheiro Machado (RS),<sup>1</sup> fazer algumas considerações sobre as disputas simbólicas que se travam em torno dessas figuras. Trata-se de compreender como diversos

setores se apossam de uma experiência histórica comum de forma diferenciada. Parte-se do pressuposto que essas apropriações contemporâneas de um episódio passado estão intimamente relacionadas com a configuração de identidades étnicas e regionais e com as relações entre os diferentes grupos formadores do Rio Grande do Sul. Antes disso, contudo, entendo ser necessário familiarizar o leitor com o contexto com base na qual emerge essa questão.

Os gaúchos compartilham experiências históricas marcantes que são constitutivas de seus modos de imaginação, cognição e ação, bem como de sua identidade regional (Grimson, 2003). Os conflitos bélicos nos quais a região e seus habitantes estiveram envolvidos são eventos que são constantemente evocados para falar do espírito livre e combativo do povo do Rio Grande do Sul. Dentre eles, a Revolução Farroupilha<sup>2</sup> é, com toda a certeza, o mais lembrado. Ela é representada pelos movimentos regiona-

---

\*Doutoranda em Antropologia Social pela UFRGS.

1. Pinheiro Machado é um dos municípios mais antigos do Rio Grande do Sul. Até 1830, a sua área pertencia a Rio Grande. Depois passou a integrar a cidade de Piratini, desmembrando-se em 24 de fevereiro de 1879, sob a denominação de Nossa Senhora da Luz das Cacimbinhas. A povoação desse município, segundo registros, iniciou-se pelo brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, por volta de 1765. Os primeiros habitantes foram os açorianos Thomaz Antônio de Oliveira e José Dutra de Andrade, que receberam sesmarias na Coxilha do Velleda, em 1790. Segundo a lenda, Dutra de Andrade teria perdido a visão e feito uma promessa. Se ele a recuperasse ao lavar os olhos nas águas das cacimbinhas, mandaria construir uma capela em honra de Nossa Senhora da Luz. O milagre teria ocorrido. Depois da capela, foi criado um curato em 1851. Em 1857, foi elevada a freguesia e em 1878 ocorreu a emancipação. O município de Cacimbinhas teve seu nome mudado para Pinheiro Machado no governo do intendente provisório Ney Lima Costa, quando o senador José Gomes Pinheiro Machado foi assassinado no Rio de Janeiro, por Mânsio de Paiva, que era um morador da região de Cacimbinhas. A mudança de nome não foi aceita pela população, que se rebelou contra o intendente, forçando-o a deixar a cidade.

2. Segundo Flores, "a Revolução Farroupilha faz parte dos movimentos liberais que abalaram o Império do Brasil no período regencial, quando explodiram dissensões políticas entre os liberais federalistas e os conservadores unitários nas províncias do Ceará (1831-1832), Pernambuco (1831-

listas como um momento marcante de nossa história, um episódio de bravura que resultou em uma separação temporária do RS do restante do Brasil. Essa guerra que durou dez anos é relacionada com a imagem do gaúcho como guerreiro valente e heróico que tem nesse conflito o pano de fundo para as suas façanhas. Dessa forma, configura-se como uma referência para a exaltação dessa figura, ou seja, a menção aos heróis farroupilhas se insere na lógica de construção desse tipo social a ser cultuado (Brum, 2004). Além disso, é em torno desse episódio que se estabelece simbolicamente a relação do gaúcho com o restante do país, seja para afirmar o seu caráter autônomo, seja para evidenciar que ele é brasileiro por opção (Barcellos, 1997; Oliven, 1986 e 1990). Todos os anos, em vários municípios do estado, são realizados cerimônias, desfiles, acampamentos e comemorações em tributo à memória dessa guerra.<sup>3</sup> Esses eventos são promovidos por prefeituras, governo do estado e pelos movimentos regionalistas.

A conformação da imagem do gaúcho sublinha a presença luso-brasileira no Rio Grande do Sul e o valor da imigração européia e simultaneamente omite a presença do negro (Barcellos, 1996). Como observa Maciel (1994), a construção da nossa identidade regional passa por cima das mais diversas clivagens de ordem social, econômica, étnica e cultural, operando com a idéia da existência de uma homogeneidade. Ainda que se distinga da configuração do povo brasileiro, essa “fábula regional” não prescinde da ideologia da mestiçagem nas situações em que se torna impossível ignorar a presença dos negros na região. A elaboração do imaginário gaúcho sobre si mesmo exclui o negro dos estudos históricos e da própria sociedade (Barcellos, 1996).

1835), Minas Gerais (1833-1835), Grão-Pará (1835-1840), Bahia (1837-1838), Maranhão (1838-1841) e Rio Grande do Sul (1835-1845)” (2004, p. 25). É chamada de revolução porque implicou a mudança de governo com a instituição do sistema republicano, mas, de acordo com o autor, trata-se de uma guerra civil entre aqueles que aderiram ao movimento e os que não o fizeram.

3. Como observa Maciel (1999), as representações associadas ao gaúcho construídas pelo tradicionalismo foram gradativamente adotadas pelo poder público, estabelecendo-se como “oficiais”. Uma análise mais aprofundada desse processo pode ser encontrada em Oliven (1991).

Apesar de omitidos pela maior parte da historiografia tradicional, os negros desempenharam papel fundamental para as forças rebeldes farroupilhas durante o conflito com o Império. Estima-se que eles tenham, durante essa revolução, composto de um terço à metade do exército rebelde (Leitman, 1997, p. 61-78). Eles foram integrados às fileiras farroupilhas em duas divisões, uma de cavalaria e outra de infantaria, criadas respectivamente em 12 de setembro de 1836 e em 31 de agosto de 1838, denominadas de Corpos de Lanceiros Negros, sendo compostas por negros livres e escravos libertados pela República sob a promessa de lutarem nas fileiras de seu exército (Carrion, 2003, p. 6-7). Antes mesmo da criação desses corpos, os negros já haviam desempenhado destacado papel em conflitos como a tomada de Porto Alegre, em setembro de 1835, e de Pelotas, em abril do ano seguinte. Negros livres e alforriados, juntamente com índios, mestiços e escravos fugidos do Uruguai contribuíram com a causa farroupilha não somente como soldados, mas também trabalhando como tropeiros, mensageiros, campeiros, na fabricação de pólvora e nas plantações de fumo e erva-mate cultivadas pelos rebeldes (Leitman, 1997, p. 69, nota 28).

Na madrugada de 14 de novembro de 1844, no Cerro de Porongos, então município de Piratini, atualmente pertencente à cidade de Pinheiro Machado, ao sul do estado do Rio Grande do Sul, parte de um dos corpos de lanceiros negros foi dizimada pelas tropas imperiais. Esse episódio recebeu diversas denominações: “Surpresa”, “Batalha”, “Massacre” ou, ainda, “Traição de Porongos”. A morte dos guerreiros negros nesse evento gerou uma acalorada controvérsia entre os historiadores e estudiosos que se debruçaram sobre o tema da Revolução Farroupilha que tem continuidade até os dias de hoje.

Um primeiro grupo defende a tese de que o comandante do destacamento de negros em questão, o general farroupilha David Canabarro, teria desarmado e separado os lanceiros do restante das tropas acampadas nas imediações do Cerro de Porongos para que fossem aniquilados pelo exército imperial sem oferecer resistência. Ele teria feito um acordo com o líder imperial Barão de Caxias objetivando livrar-se

dos soldados negros para facilitar a assinatura do tratado de paz que vinha sendo negociado. O Império do Brasil mostrava-se contrário à idéia de premiar com liberdade os escravos insurretos. Além disso, parcelas da elite gaúcha temiam a possibilidade de que esses negros politizados e militarizados pudessem se somar a outros em algum levante contra a ordem vigente. O indício que corrobora essa tese é a existência de uma carta remetida pelo Barão de Caxias para o coronel Francisco Pedro de Abreu, comandante da força imperial que atacou os lanceiros em Porongos. Esse enfoque interpretativo vê esse episódio como uma traição do general farrapo aos soldados negros a ele subordinados. Essa posição é adotada na atualidade por alguns pesquisadores e por integrantes do movimento negro.

Por outro lado, um segundo grupo de estudiosos defende que a citada carta teria sido forjada pelos imperiais com o intuito de desmoralizar David Canabarro e criar cisões entre os farrapos. Nessa perspectiva, o assassinato dos lanceiros negros teria sido uma surpresa e não uma traição, já que teriam sido pegos desprevenidos. Tal enfoque é adotado principalmente pelos tradicionalistas.

Embora o movimento tradicionalista tenha se apropriado da questão dos lanceiros negros há bastante tempo,<sup>4</sup> somente nos últimos anos o Massacre de Porongos voltou a ser discutido de forma mais evidente, não apenas por historiadores e estudiosos da Revolução Farroupilha,<sup>5</sup> mas por negros que buscam o reconhecimento da participação de seus antepassados, como protagonistas, da constituição do Rio Grande do Sul e de momentos cruciais de sua história.<sup>6</sup>

Integrantes do movimento negro pressionaram o Estado em seus diferentes níveis

administrativos (federal, estadual e municipal) para que ele promovesse políticas públicas em relação ao tema. Desde 2003, está em andamento o processo de constituição de um memorial aos lanceiros negros em área do Cerro de Porongos promovido pela Prefeitura Municipal de Pinheiro Machado, em parceria com o governo estadual e contando com o apoio da Fundação Cultural Palmares, ligada ao Ministério da Cultura. Embora o referido memorial venha a ser edificado no município de Pinheiro Machado, esse fato mobiliza pessoas de outras cidades do Rio Grande do Sul. Até mesmo porque a idéia de construí-lo partiu inicialmente de um grupo de integrantes do movimento negro de Guaíba, município da região metropolitana de Porto Alegre. Foram eles que, no ano de 2002, procuraram a administração da referida cidade para apresentar o projeto, que não foi, ao menos naquele momento, levado adiante. Posteriormente, no ano de 2003, em função da visibilidade nacional que produções cinematográficas deram ao tema, os governos municipal e estadual retomaram a idéia e buscaram parceria com o governo federal e a sociedade civil para concretizá-la. Constituiu-se um grupo de discussão para a viabilização do projeto e, a partir de então, foram realizadas diversas atividades sobre o tema. Dentre elas, destacam-se seminários e celebrações no dia 14 de novembro (data provável do massacre dos lanceiros negros) na cidade de Pinheiro Machado. A prefeitura do município comprou uma área junto ao Cerro de Porongos de três hectares para a construção do memorial. No ano de 2004, foi colocada uma pedra que servirá de base à futura edificação e publicado um protocolo de intenções para a realização de um concurso nacional para a escolha do artista que a produzirá. Cabe salientar que, nos últimos dois anos, as celebrações do 14 de novembro no município de Pinheiro Machado contam com a presença de negros de várias partes do Rio

4. Entre as entidades ligadas ao Movimento Tradicionalista Gaúcho encontramos quatorze que utilizam a palavra lanceiros em sua denominação. O movimento tradicionalista colocou um marco em homenagem aos "bravos farrapos" à beira da estrada dos Cerros de Porongos em 1983, em um projeto de levar a chama crioula a diversos pontos do estado significativos para os gaúchos. Em 1996, um piquete do município de Pinheiro Machado apresentou no desfile de 20 de setembro o tema dos lanceiros negros, causando surpresa e curiosidade no público.

5. Vide como exemplo FLORES, Moacyr. Negros na Revolução Farroupilha. Traição em Porongos e farsa em Ponche Verde. Porto Alegre: EST Edições, 2004.

6. É importante lembrar também que o tema obteve visibilidade nacional por meio de produções cinematográficas como o filme Netto perde sua alma, dirigido por Beto Souza e Tabajara Ruas, lançado em 2001, e a minissérie da TV Globo A casa das 7 mulheres, baseada no romance homônimo de Letícia Wierzchowski, dirigida por Jayme Monjardim e Marcos Schechtmann e exibida entre 7 de janeiro e 8 de abril de 2003.

Grande do Sul.<sup>7</sup> Durante esse período, em municípios como Caçapava do Sul e Porto Alegre, foram erigidas placas em homenagem aos lanceiros negros.

Em nível federal, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), também ligado ao Ministério da Cultura, está realizando desde 2004 um inventário de referências culturais sobre o tema para o eventual registro deste como patrimônio imaterial. Fui convidada, como antropóloga, a compor a equipe de pesquisa que realizou a etapa de levantamento preliminar do inventário sobre o Massacre de Porongos.

Essas ações do poder público foram iniciadas em virtude da mobilização política do movimento negro, mas também em decorrência de um contexto político mais amplo, no qual se afirmam a questão identitária e o reconhecimento da diversidade. Referimo-nos a um processo que se intensificou a partir dos debates da Constituição de 1988 e que implicou mudanças no regime de visibilidade da etnicidade brasileira, de uma situação de invisibilidade<sup>8</sup> para uma crescente hipervisibilização das diferenças. A incorporação da multiculturalidade por meio de leis e políticas de Estado<sup>9</sup> se fez acompanhar de programas e linhas de financiamento de agências internacionais para a promoção de grupos tradicionalmente excluídos.<sup>10</sup> O discurso assimilacionista de outrora que buscava tornar os étnicos nacionais, os diferentes iguais, é substituído na atualidade por outro em que se discutem mecanismos de garantia de direitos e

exercício da cidadania com base na alteridade, do reconhecimento da existência de grupos étnicos diferenciados.

Como membro da equipe de pesquisa do Inventário sobre o Massacre de Porongos tive a oportunidade de conversar com várias pessoas envolvidas no processo de discussão para a construção do memorial em homenagem aos lanceiros negros e identificar um contexto de disputas simbólicas em torno dessa figura de forma bastante similar ao observado por Brum (2004) em relação ao personagem de Sepé Tiarajú. Trata-se de um campo de interlocução<sup>11</sup> regional onde diferentes atores sociais (movimento negro, movimento tradicionalista, pesquisadores, políticos, entre outros) debatem e produzem narrativas sobre o tema.

### O contexto local

Com a emancipação de Pedras Altas em 1996, antigo distrito da cidade onde se localiza o castelo da Granja Pedras Altas, construído por Joaquim Francisco de Assis Brasil,<sup>12</sup> o município de Pinheiro Machado perdeu uma de suas principais atrações turísticas.<sup>13</sup> A construção de uma edificação em referência aos lanceiros negros possibilitaria à cidade pleitear sua inclusão na Rota Farroupilha.<sup>14</sup> A importância que o

7. A celebração ocorrida em 14 de novembro de 2004 contou com a participação de mais de três mil negros oriundos dos municípios de Cachoeira do Sul, Caxias, Guaíba, Pelotas, Piratini, Porto Alegre, Rio Grande, São Lourenço, entre outros.

8. A invisibilidade pode ocorrer no âmbito individual, coletivo, nas ações institucionais, oficiais e nos textos científicos. Não implica dizer que a diversidade não é vista, mas que é tida como inexistente. Trata-se de um mecanismo de negação do outro, muitas vezes inconsciente, que produz e reproduz a discriminação e o preconceito (Leite, 1996).

9. Refiro-me ao Artigo 68 do Ato de Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988: "Aos remanescentes das Comunidades dos Quilombos que estejam ocupando as suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos".

10. Vide o exemplo da atuação da Fundação Ford no Brasil nos últimos anos.

11. Segundo Grimson (s/d), um campo de interlocução é um espaço social e simbólico no qual um conjunto de atores interage e, portanto, reconhece nos outros – incluindo seus adversários ou inimigos – um interlocutor necessário. O conceito pode aplicar-se a níveis globais, regionais ou nacionais, entre outros.

12. Assis Brasil ergueu a fortaleza com traços medievais em uma das paisagens mais isoladas do Rio Grande do Sul para mostrar que era possível desfrutar a natureza sem ficar embrutecido. A ideia não era ostentar, mas enobrecer o campo. O diplomata, que privou com reis e chefes de Estado, achava que o arado e o livro eram as ferramentas do progresso. Em 1999, o governo tentou tomar o castelo de Pedras Altas como monumento histórico, mas os descendentes de Assis Brasil recusaram, preferindo manter o castelo com a família.

13. Entre as atrações turísticas do município de Pinheiro Machado, o grande destaque é a realização da Comparsa da Canção Nativa, considerado um dos maiores festivais de música nativista do estado. É realizado anualmente no último final de semana de janeiro, durante a realização da Feira e Festa Estadual da Ovelha (Feovelha), também considerado um dos maiores eventos do gênero em nível nacional.

14. Cinco cidades estão envolvidas na implantação da Rota Farroupilha: Alegrete, Candiota, Piratini, Caçapava do Sul e Dom Pedrito. Participaram prefeitos, secretários de Tu-

desenvolvimento do turismo adquire nesse contexto só pode ser compreendida ao passo que fornecemos ao leitor maiores informações sobre o município em questão. Ele localiza-se na metade sul do estado do Rio Grande do Sul, região que tem uma história de estagnação e decadência econômica.<sup>15</sup> Pinheiro Machado possui uma área de 2.227,9 km<sup>2</sup> e conta com uma população de 14.134 habitantes. Com uma densidade de seis habitantes por km<sup>2</sup>, 72% de sua população é urbana. Fica a aproximadamente 370 km da capital. O clima predominante é o frio, com média de temperatura anual entre 2°C e 18°C. O solo caracteriza-se por ser raso e

rismo, agentes, operadores e guias turísticos, além dos donos das propriedades que estão trabalhando com o turismo rural na região, buscando resgatar a cultura e as tradições gaúchas. A Rota Farroupilha coloca em evidência uma parte importante do passado do RS, recheado de heróis, prédios históricos, trilhas e muitas lembranças. Em Candiota, foi proclamada a República Riograndense; Piratini, Caçapava do Sul e Alegrete foram as capitais revolucionárias; Dom Pedrito detém o título de Capital da Paz, por ter consumado, nas coxilhas do Poncho Verde, o fim do conflito entre os republicanos farroupilhas e o governo imperial. Outro projeto turístico desta monta é a "Rota Caminho Farroupilha", parte do Projeto Turismo na Costa Doce, que divulga e promove as rotas turísticas situadas junto ao Rio Guaíba e às Lagoas Mangueira e dos Patos. Começando por Guaíba, na Região Metropolitana, local onde morreu Bento Gonçalves, o passeio continua pela cidade de Cristal, onde existe uma réplica da casa do herói da Revolução Farroupilha. Depois, a visitação segue por Camaquã, que abriga o túmulo da esposa de Bento Gonçalves, Caetana. Em São Lourenço do Sul, os visitantes podem visitar estaleiros, onde são fabricados barcos para todo o estado, e também conhecer um pouco da história do aguerrido Giuseppe Garibaldi e seu envolvimento com a questão náutica na revolução. Shows e dramatizações também fazem parte da aventura. Em Pelotas, o aspecto econômico do movimento toma forma durante a visitação à "Rota da Charqueada", que compreende sete charqueadas dentro do Arroio Pelotas, onde também é possível conhecer um pouco sobre a história da participação dos negros nesse episódio, pelas encenações apresentadas na Charqueada São João. Já em Piratini, cidade onde se situava a administração da República Rio-grandense, os espetáculos são promovidos nas ruas e em diversos prédios, onde o turista pode sentir-se parte da história. Para encerrar a peregrinação, no caminho entre Rio Grande e São José do Norte, os "navegadores da história" podem fazer um passeio no barco-museu Cuter Minuano (réplica do barco Seival de Garibaldi) e também visitar o local onde se encontram os restos mortais de Bento Gonçalves. Os turistas podem fazer toda a rota ou escolher determinados pontos para visitar. As operadoras dessa rota são a Caminhos do Sul, a Rota Cultural e a Unesul Turismo.

15. Sobre este assunto ver ILHA, Adair Silva; ALVES, Fabiano Dutra e SARAIVA, Luis Heitor Barboza. Desigualdades regionais no RS: o caso da metade sul. Texto disponível em [http://www.fee.tche.br/sitefee/douwload/eeg/1/mesa\\_3\\_ilha\\_alves\\_saraiva.pdf](http://www.fee.tche.br/sitefee/douwload/eeg/1/mesa_3_ilha_alves_saraiva.pdf).

com a presença de aflorações de rochas com grande quantidade de calcário, considerado de excelente qualidade. O relevo é bastante irregular, destacando-se a Serra do Passarinho, a Serra do Velleda e a Serra das Asperezas. Também se percebe a formação de inúmeros cerros, especialmente no 2º Distrito, onde se localiza o de Porongos. Tem um grande número de riachos e sangas. A economia é baseada principalmente na agricultura, na pecuária, na extração de pedras para exportação e pedras de revestimento e na produção de cimento. Outro destaque é a viticultura, que, devido à característica do clima da serra do sudeste, favorece a elaboração de vinhos finos de alta qualidade. Essa atividade começou a ser implementada em algumas propriedades da cidade nos últimos anos, com o objetivo de se tornar uma alternativa mais lucrativa à agricultura e à pecuária tradicionais da região. O extrativismo mineral, por sua vez, gera poucos recursos em termos locais. Desse modo, o desenvolvimento do turismo se apresenta como uma atividade bastante atraente para a geração de emprego e renda no município.

As relações sociais entre brancos e negros nessa localidade são fortemente marcadas pela segregação social dos primeiros em relação aos últimos. Existem dois clubes criados por negros em razão da impossibilidade de frequentarem os demais por causa da sua raça/cor: a Sociedade Recreativa União Democrata e a Sociedade Recreativa e Cultural Filhos da Lua. São inúmeros os relatos de situações de preconceito e discriminação vividas por eles na cidade. Desde bailes separados por cordas até cortejos de rainhas de carnaval brancas que os foliões negros só podiam escotar até a porta dos clubes onde não podiam entrar. Em Pinheiro Machado, existe uma organização do movimento negro desde a década de 1990 formada por pessoas que tinham alguma vivência em outros municípios, até mesmo na capital.

O evento que marcou os 160 de Porongos

Pode ser observado de forma mais intensa o processo de disputa simbólica em torno da figura dos lanceiros negros num evento deno-

minado Nossos heróis não morreram – 160 anos de Porongos, nos dias 13 e 14 de novembro de 2004, no município de Pinheiro Machado/RS. Este foi organizado pela Comissão Memorial Lanceiros Negros – composta pelo Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, governo do Estado/Secretaria da Cultura, Prefeitura Municipal de Pinheiro Machado, Movimento Negro Unificado, entre outras entidades. A programação foi a seguinte:

Dia 13/11/2004.

Ato Solene de Abertura.

Local: Teatro Municipal de Pinheiro Machado.

Horário: 18h.

Atividades Culturais: Grupo de Teatro Tropeiros dos Sonhos, Grupo de Dança Liberdade de Expressão, Grupo de Dança 100% Hip Hop, Associação de Capoeira Filhos da Roda.

Horário: 19h.

Espectáculo de música e dança Lanceiros Negros. Artistas: Loma, Sirmar Antunes, Gel e Cia de Dança, Raízes D'África.

Horário: 20h30.

Atividades Artísticas: Grupo de Teatro Tropeiros do Sonho, Grupo de Pagode Tempero do Samba, Grupo de Pagode Nosso Jeito, Grupo de Pagode Quilombolas do RJ.

Local: Praça Municipal de Pinheiro Machado.

Horário: 22h30.

Vigília: Toque de Tambor Afro. Recepção aos Cavaleiros de Porto Alegre e CTG Lila Alves.

Local: Praça Municipal de Pinheiro Machado.

Horário: 1h.

Recital Poético com Sirmar Antunes.

Horário: 2h.

Dia 14/11/2004.

Local: Cerro de Porongos – Município de Pinheiro Machado.

Abertura de “Caminhos” por Ialorixás.

Horário: 9h.

Leitura de Documento da Comissão Pró-Memorial Lanceiros Negros.

Horário: 9h15.

Apresentação Grupo Teatral de Pinheiro Machado.

Horário: 9h30.

Apresentação de Grupo Temático Ponto Z.

Horário: 10h.

Apresentação Grupo Quilombolas RJ.

Horário: 10h30.

Ato de Abertura: Lançamento da Pedra Fundamental do Memorial Lanceiros Negros.

Horário: 11h.

Leitura da Carta de Duque de Caxias a Canabarro. Assinatura de Protocolo de Intenções para Edital de Concurso Público Pró-Memorial. Apresentações: Poema “Carga de Lança”, recitado por Sirmar Antunes. Toque de Tambor com a chegada dos Cavaleiros Lanceiros Negros. Toque de Clarim.

Almoço afro na cidade de Pinheiro Machado.

Horário: 14h.

Recital de Poesia, com Líliliana Cardoso. Apresentação do Grupo Teatral de Encruzilhada do Sul.

Para fins de análise, não descreverei de forma cronológica o desenrolar dos fatos, mas sim em virtude das possíveis interpretações que me proponho a fazer sobre o significado deles.

No final da tarde do dia 13, no Teatro Municipal Ludovico Pórzio, ocorreu uma solenidade de abertura na qual estavam presentes representantes do governo municipal, estadual, federal, do Iphan, do movimento negro, entre outros. As autoridades falaram algumas palavras sobre os lanceiros negros e a importância da construção do memorial para uma platéia de aproximadamente quinhentas pessoas oriundas da própria localidade e de entidades do movimento negro de outras cidades.

O prefeito Carlos Ernesto Betiollo e o secretário de Indústria, Comércio e Turismo do município, Paulo Ricardo Javiel Rezende, referiram-se à Batalha de Porongos como um “evento”. Nas palavras do prefeito, a questão dos lanceiros negros tornou-se um projeto social, cultural e turístico.<sup>16</sup> O representante da Secretaria de Cultura do Estado, Manoel Cláudio Borba, disse que esperava que o resgate dessa história permitisse a verdadeira integração do Rio Grande do Sul, uma vez que, antes de sermos desta ou daquela raça, éramos gaúchos. A posição desses políticos de diferentes esferas

---

16. Em todos os eventos oficiais sobre o tema, os políticos locais evitam se posicionar sobre o caráter do episódio histórico – se surpresa ou traição –, reafirmando a importância de seu resgate para o município como um todo. Como já foi mencionado anteriormente, a administração municipal de Pinheiro Machado adquiriu três hectares nas proximidades do Cerro de Porongos para a construção do memorial. Além disso, ela colocou placas de sinalização ao longo do percurso que leva até o local. O prefeito está construindo com recursos próprios um hotel na cidade.

(municipal e estadual) reflete o interesse pela exploração turística de um fato histórico sem que isso implique discutir o que tal evento significou ou passa a significar para os negros do RS ou de que forma ele se relaciona com o contexto das relações interétnicas em nosso estado. Como foi explicado anteriormente, há um conjunto de fatores que tornam o desenvolvimento do turismo uma questão muito atraente para a cidade de Pinheiro Machado. O destaque que se dá à identidade gaúcha como algo primordial, mais importante que outras identidades sociais, remete a uma figura unificadora, homogênea, que se sobrepõe às diferenças sociais, econômicas, culturais e étnicas.

Ao fim dos discursos, uma representante do movimento negro local, Rosa Claudete Vaz Duarte, cantou o hino riograndense,<sup>17</sup> mas com algumas alterações. No verso que diz “povo que não tem virtude acaba por ser escravo”, ela cantou “povo que não tem virtude acaba matando escravo”. Em outro momento do evento, atores e dançarinos encenaram a peça *Lanceiros negros*, dirigidos por Ney Ortiz,<sup>18</sup> com a participação especial de Sirmar Antunes.<sup>19</sup> Entre as músicas do espetáculo, mais uma vez o hino riograndense é interpretado por uma mulher negra. Desta vez, a expressão “povo que não tem virtude acaba por ser escravo” é substituída por “povo que é lança e virtude a clava quer ver escravo”. Na solenidade de abertura do evento, na manhã do dia 14, essa mesma performance pôde ser observada. A alteração dessa estrofe do hino muda o sentido da palavra escravo de uma condição em que se chega pela falta de virtude para a de possuidor dessa qualidade que é vítima daqueles que não a têm. Ela também remete ao evento em que os lanceiros negros foram mortos e ao caráter daqueles que foram os responsáveis por tal ato. Essas

mudanças na execução do hino demonstram que o processo de construção do memorial aos lanceiros negros constitui um momento privilegiado para que atores sociais historicamente marginalizados – como os negros e, dentre eles, nesse caso, as mulheres negras – tentem inscrever performativamente contracoerências – sobre o fim dos lanceiros negros e sobre os próprios negros – na narrativa dominante sobre a história do Rio Grande do Sul. Dessa forma, através de suas performances, as mulheres negras desvelam o caráter ideológico da história oficial de nosso estado, subvertendo os sentidos atribuídos à escravidão e ao extermínio dos soldados negros (vide Bhabha, 1998).

Na encenação da peça *Lanceiros negros*, na noite do dia 13, diversos elementos foram associados às suas figuras: a religiosidade africana, a musicalidade e a própria África. Eles foram representados como combatentes seminus, descalços, com lanças em punho, guerreando ao som do batuque. As correlações com o continente africano não pararam por aí. No dia 14 pela manhã, distante 27 km do centro de Pinheiro Machado e junto ao Cerro de Porongos, foi inaugurada a pedra fundamental no local onde deverá ser construído o memorial aos lanceiros negros. Nela foi gravado um poema que transcrevo a seguir:

#### ANCESTRALIDADE

Ouçó no vento  
O soluço do arbusto.  
É o sopro dos antepassados.  
Nossos mortos não partiram,  
Estão na densa sombra.  
Os mortos não estão sob a terra.  
Estão na árvore que se agita,  
Na madeira que geme,  
Estão na água que geme,  
Estão na água que flui,  
Na água que dorme,  
Estão na cabana, na multidão.  
Os mortos não morreram.  
Nossos mortos não partiram.  
Estão no ventre da mulher,  
No vagido do bebê e no tronco que queima.  
Os mortos não estão sob a terra,  
Estão no fogo que se apaga,  
Nas plantas que choram,  
Na rocha que geme,

17. O hino farroupilha foi elevado a hino do Rio Grande do Sul por uma lei estadual de 1966, como parte de um processo de expansão do tradicionalismo junto ao poder público, que colaborou em muito para oficializar a ideologia do movimento (vide Oliven, 1991, e Maciel, 1999).

18. Artista plástico negro, fundador do grupo cultural Raízes da África, e residente em Porto Alegre (RS).

19. Ator negro gaúcho, ficou nacionalmente conhecido por sua atuação no filme *Netto perde sua alma*, no qual interpretou o sargento Caldeira, integrante do corpo de lanceiros negros durante a Revolução Farroupilha.



Estão na floresta,  
Estão na casa.  
Nossos mortos não morreram.

BIRAGO DIOP  
Poeta africano

Ao final da solenidade, os participantes eram esperados na sede do município para um almoço “africano”, preparado por um chef de cozinha baiano trazido pela representante da Fundação Cultural Palmares, Maria Bernadete Lopes. A utilização de elementos referentes à religiosidade, à musicalidade e ao continente africano se fazem valer de um imaginário social que povoa a mente de brasileiros e também de gaúchos sobre os negros, seu local de origem e aquilo que lhes caracteriza como grupo cultural. Ainda que tentem transformar a narrativa dominante, eles têm que, para se fazerem inteligíveis, apelar a alguns elementos dela.

Na noite de 13 de novembro, seguiram-se apresentações de grupos de dança, música e capoeira da própria localidade que evocaram a figura de Zumbi dos Palmares em suas performances. Pela manhã do dia 14, na solenidade de abertura, diversas autoridades falaram. Dentre elas, Vanda Maria Menezes Barbosa, secretária de Estado da Mulher de Alagoas, trazida por Maria Bernadete Lopes, da Fundação Cultural Palmares.<sup>20</sup> Ela traçou uma comparação entre os lanceiros negros e Zumbi dos Palmares. Segundo Vanda, ambos lutaram pela sua liberdade, foram traídos e mortos. No seu ponto de vista, além da construção do memorial, ruas e praças que tivessem o nome de David Canabarro deveriam ser renomeadas com a denominação “lanceiros negros”, em um claro sinal de reconhecimento da importância que estes tiveram para a Revolução Farroupilha e a história do Rio Grande do Sul. A correlação entre as figuras dos lanceiros negros e a de Zumbi apresenta-se como um argumento por parte do movimento negro e de seus representantes dentro da máquina estatal para justificar o reconhecimento dos primeiros em nível de Estado. Eles têm uma trajetória marcada por fatos que lhes possibilitam serem considerados

heróis: luta pela liberdade, traição e morte. Além disso, o resgate de sua história e importância parte da mesma região do Brasil. Na década de 1980, integrantes do Movimento Negro Unificado gaúcho conceberam a ideia de retomar a figura de Zumbi dos Palmares. Esse personagem histórico ficou conhecido e tornou-se reconhecido em todo o país ao longo dos anos, inclusive no Rio de Janeiro, onde o dia 20 de novembro, provável data da sua morte, tornou-se feriado estadual há poucos anos.

Na manhã do dia 14, junto ao Cerro de Porongos, aproximadamente quinze ônibus e dezenas de carros estavam estacionados na entrada da propriedade da família Alvarez, de onde foram adquiridos os hectares para a construção do memorial. Uma lona de circo fora montada e um palanque erguido próximo à casa dos donos daquela área. Várias faixas das organizações do movimento negro ali presentes estavam amarradas à estrutura da lona e às cercas de arame próximas. Muitas pessoas circulavam pelo local. Para o início da solenidade, a programação era de que os pais e mães-de-santo do município de Pinheiro Machado fariam a abertura dos caminhos, mas a presença do bispo de Bagé, dom Gilio Felício,<sup>21</sup> no palanque alterou o protocolo. Ele acabou por proferir uma oração, em caráter ecumênico, mas os representantes dos terreiros e casas de santo permaneceram em silêncio de costas para o bispo e de frente para o público, visivelmente constrangidos. A disputa religiosa que se trava em torno da figura dos lanceiros ficou evidente. Como a história desses soldados ainda está por ser escrita, suas figuras podem ser apropriadas tanto pela Igreja Católica quanto pelos cultos afro-brasileiros.

Próximo às duas horas da madrugada do dia 14, horário em que se acredita tenha ocorrido a morte dos lanceiros negros, foram disparados oitenta fogos de artifício como forma de homenageá-los. Antes, contudo, Sirmar Antunes e

20. As duas são mulheres profundamente engajadas no movimento negro.

21. Nascido em Lajeado (RS), foi vigário em Santa Cruz do Sul (RS). Ele é hoje um dos seis bispos negros no Brasil, em um universo de quatrocentos. Em 1998, foi enviado para a Bahia como bispo de Cruz das Almas, no Recôncavo Baiano, e, com sua iniciativa de promover um diálogo inter-religioso entre católicos e cultos afros, tornou-se nacionalmente conhecido.

Ney Ortiz, visivelmente alterados pela ingestão de bebidas alcóolicas, discursaram do alto da sacada do teatro municipal para algumas dezenas de pessoas que permaneceram em vigília à espera do espetáculo pirotécnico. Eles falaram explicitamente sobre a traição de Canabarro e da obrigação que os tradicionalistas tinham de pedir perdão aos negros gaúchos por cultuarem tal figura. Entre a platéia que assistia, estavam os representantes do poder público municipal que se mostravam contrariados com tais declarações, principalmente aqueles que dentre eles faziam parte de entidades tradicionalistas. Alguns dias depois, em um site do município de Pinheiro Machado, encontramos o seguinte comentário de Luiz Henrique Chagas da Silva, secretário de Administração da cidade, que acompanhou todo o evento:

#### Os Homens de Preto.

Nos dias 13 e 14 de novembro, mais precisamente no final do dia 13 e na manhã do dia 14, Pinheiro Machado viveu um importante momento histórico, eis que aqui foi realizado um grande evento alusivo aos 160 anos do Episódio dos Porongos. Pelo que fomos informados, dezessete ônibus estavam estacionados junto ao Cerro dos Porongos. Realmente uma atividade cultural intensa, com pronunciamentos bem colocados, outros nem tanto – carregados de ideologia política – culminando com descerramento da placa na pedra fundamental e assinatura do Protocolo que autoriza a abertura de Concurso Público Federal visando à construção do Memorial ao Lanceiro Negro. Tivemos importantes colocações, porém outras que além de carregadas de desconhecimento da nossa história e da nossa cultura, como a que exigia que todos os logradouros públicos que levassem o nome de David Canabarro fossem substituídos, como se não tenha sido o General um grande defensor da causa Farroupilha e um bravo guerreiro, como se fosse possível acreditar que a Carta de Caxias indiscutivelmente não foi forjada. Convenhamos!!! Comungo da tese de que os negros não lutaram por um ideal que não fosse a alforria, a liberdade; que não tinham tratamento igual aos demais “soldados”; que foram traídos nesta essência, mas não posso partilhar da idéia de que tudo na Revolução Farroupilha tenha sido traição e mentira como aqui foi plantado, ou então seria um idiota quando fui patrão de

Centro de Tradições Gaúchas por dois anos. Temos, sim, que ter em nossas ruas, avenidas, logradouros públicos os nomes dos nossos heróis farrapos; dos nossos políticos como Getúlio Vargas e outros, que, pela coragem e pela competência, fizeram deste Estado um dos mais respeitados da Nação Brasileira.<sup>22</sup>

A posição do artigo expressa a insatisfação dos tradicionalistas com o teor das declarações proferidas por integrantes do movimento negro ou por seus representantes na esfera estatal. Como foi dito no início do texto, a Revolução Farroupilha é um dos principais elementos que compõem o imaginário sobre a figura do gaúcho. Colocar em discussão o seu caráter ou o de seus heróis representa uma afronta à tradição e ao próprio movimento. Além disso, aceitar a idéia de uma traição implica assumir que o preconceito fazia e ainda faz parte da sociedade gaúcha e que as relações entre brancos e negros não são pautadas pelos ideais liberais, progressistas e democráticos atribuídos ao movimento farroupilha. No entanto, ao mesmo tempo em que alguns negros atacam a figura de David Canabarro, outros se apropriam do tradicionalismo, como ilustra o momento da madrugada do dia 14, em que dois negros a cavalo e devidamente pichados entregaram uma placa aos representantes do movimento negro local. Eles eram de um piquete de Porto Alegre criado recentemente e que se denomina Lanceiros Negros.

Como o leitor pode observar, ao longo do texto o processo de construção do memorial aos lanceiros negros apresenta várias categorias em ação. Dentre elas, destacamos as de gaúcho e negro. Ao colocá-las em prática num evento como o que descrevemos, corre-se o risco que elas tenham as estruturas de significados que normalmente lhe são impostas subvertidas. Dessa forma, diversos atores sociais – políticos, integrantes do movimento negro, tradicionalistas, entre outros – disputam seus sentidos em uma verdadeira luta simbólica na qual o que está em jogo é o poder de definir o que venham a ser tais categorias em termos conceituais (Sahlins, 2003). Se, para os tradicionalistas e para muitos políticos, a categoria negro deve ser englobada

22. Coluna de 26 de novembro de 2004, disponível em <http://www.pinheiroonline.com.br>.

pela de gaúcho, para os integrantes do movimento negro as duas não se excluem e até mesmo podem se complementar, isto é, gaúcho também é negro e vice-versa, em um processo no qual nossa identidade regional enegrece e a identidade étnica desse grupo se agaúcha, o que nos possibilita pensá-las de forma mais plural.

---

Abstract: Taking as universe empirical a event on behalf of building the one memorial in honour at black lancers in the Pinheiro Machado city (RS), I undertake for the symbolic disputes what is happening around this figures. I look for to demonstrate what the different appropriations the one historic experience in common – the Massacre of the Porongos – have connections with the configuration of the ethnical and regional identities and with the relations between different social groups what made up the state of the Rio Grande do Sul.

Key-words: black lancers; ethnical identity; regional identity.

---

#### Referências

BARCELLOS, Daisy Macedo de. Família e ascensão social de negros em Porto Alegre. 1996. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Antropologia) – Museu Nacional, UFRJ.

\_\_\_\_\_. Dante de Laytano e o folclore no Rio Grande do Sul. Horizontes Antropológicos, n. 12. Porto Alegre: PPGAS, 1997.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRUM, Ceres Karam. “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiarajú. Manuscrito, 2004, 29 pp.

CARRION, Raul. Os lanceiros negros na Revolução Farroupilha. Porto Alegre: Gabinete do Vereador Raul Carrion, 2003.

FLORES, Moacyr. A Revolução Farroupilha. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. Negros na Revolução Farroupilha. Traição em Porongos e farsa em Ponche Verde. Porto Alegre, EST Edições, 2004.

GRIMSON, Alejandro. La nacion después del deconstructivismo. La experiencia argentina y sus fantasmas. Sociedad, n. 20-21, Buenos Aires, 2003.

\_\_\_\_\_. La etnicidade migrante. [s/d.]

ILHA, Adair Silva; ALVES, Fabiano Dutra e SARAIVA, Luis Heitor Barboza. Desigualdades regionais no RS: o caso da metade sul. Texto disponível em [http://www.fee.tche.br/sitefee/download/eeg/1/mesa\\_3\\_ilha\\_alves\\_saraiva\\_pdf](http://www.fee.tche.br/sitefee/download/eeg/1/mesa_3_ilha_alves_saraiva_pdf).

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). Negros no Sul do Brasil. Invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LEITMAN, Spencer. Negros farrapos: hipocrisia racial no sul do Brasil no século XIX. In: DACANAL, José Hildebrando (Org.). A Revolução Farroupilha: história e interpretação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Considerações sobre gaúchos e colonos. Diversidade étnica e identidade gaúcha. Santa Cruz do Sul: Editora da Unisc, 1994.

\_\_\_\_\_. Tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul. Humanas: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, v. 22, n. 1/2, 1999.

OLIVEN, Ruben George. O nacional e o regional. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 2, out. 1986.

\_\_\_\_\_. O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental: o tradicionalismo gaúcho. Cadernos de Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, n. 1, 1990.

\_\_\_\_\_. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 15, ano 6, fev. 1991.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.